



Dinâmicas adaptativas diante da erosão da praia de Atafona SJB/RJ: contribuições para psicologia ambiental

*Adaptive dynamics in the face of erosion on Atafona SJB/RJ beach: contributions to
environmental psychology*

Leandro Fernandes VIANA¹

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)

RESUMO: Diante das transformações ambientais ocorridas em todo o planeta, tendo como exemplo a erosão costeira e o assoreamento dos rios, este artigo busca analisar a luta de moradores da praia de Atafona, distrito de São João da Barra (RJ), pela permanência das moradias ameaçadas pelo fenômeno da erosão. O fenômeno da erosão costeira atinge a região desde a década de 1950 e já destruiu diversas casas, comércios, estabelecimentos e quarteirões. A constante destruição de casas e patrimônios públicos esboçam as primeiras impressões das políticas sociais que atuam na redução dos impactos e no enfrentamento dos conflitos provocados na vida das famílias que estão na fronteira de ocorrência do fenômeno. O estudo busca analisar, na experiência dos moradores que foram entrevistados, os sentimentos e afetos relacionados à erosão assim como o mosaico de estratégias adaptativas e modos de enfrentamento colocados em prática pelos atingidos na linha erosiva da praia de Atafona.

PALAVRAS-CHAVE: Resistência, Vínculos, Mobilização.

ABSTRACT: In view of the environmental changes that have occurred worldwide, taking coastal erosion and silting of rivers as examples, this article seeks to analyze the struggle of residents of Atafona beach, district of São João da Barra, Rio de Janeiro State, Brazil, for the maintenance of houses at risk because of the erosion phenomenon. The coastal erosion phenomenon has been affecting the region since the 1950s, and several houses, shops, establishments, and blocks have already been destroyed. The constant destruction of houses and public assets sketches the first impressions of social policies that work to reduce the impacts and face conflicts caused in the life of families that are in the border of the phenomenon. The study aims at analyzing, in the experience of the residents interviewed, the feelings and affection related to erosion, as well as the mosaic of adaptive strategies and coping methods put into practice by those affected by the erosive line of Atafona beach.

KEYWORDS: Resistance; Bonds; Mobilization.

¹ Doutor em Políticas Sociais - UENF - Campos dos Goytacazes, RJ - Brasil. E-mail: leandroviana.uenf@gmail.com



Introdução

Todas Atafona é um distrito que cresceu sobre o delta de um grande rio, o Paraíba do Sul. A região possui uma cultura secular enraizada na pesca artesanal que contribuiu diretamente na formação e consolidação da região. O distrito pertence ao município de São João da Barra, localizado no norte do Estado do Rio de Janeiro. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), o município tem uma população estimada em 36.138 habitantes distribuídos em uma área total de 455 km², o que corresponde a 4,7% da Região Norte Fluminense.

É um lugar que reúne um ecossistema em transformação, paraíso de muitas belezas, vivências e paisagens transitórias. Neste mesmo ambiente, a erosão costeira e o avanço das dunas sobre as casas dividem o protagonismo da paisagem, despertando o interesse de diferentes pesquisas, filmes, exposições, documentários, livros, entre outras publicações de diversas naturezas.

O significado da palavra Atafona pode ajudar a entender a intencionalidade deste texto bem como apontar caminhos no entendimento e enfrentamento das transformações do ambiente construído em que vivemos. Atafona é uma palavra de origem árabe que significa moinho de moer trigo, geralmente posto em movimento por um animal (Machado, José Pedro Machado, vocabulário português de origem árabe). O ato de moer, mastigar e triturar também foi encontrado no Novo Dicionário Banto do Brasil, de Nei Lopes, segundo outro estudioso da região (Pinto, 2019).

Em Atafona, muitas belezas naturais servem de inspiração como as noites de lua cheia, o nascer e o pôr do sol encantam seus moradores e frequentadores, que apesar das angústias do fenômeno erosivo, descrevem o lugar como o um verdadeiro paraíso, inspirando assim, o título deste artigo. Atafona apresenta um dos maiores registros de erosão no estado do Rio de Janeiro de acordo com o IBGE 2010.

Neste ambiente rico em transformações ambientais, é possível analisar uma verdadeira complexidade de percepções sobre o ambiente e a interferência humana, desvelando um mosaico de histórias de luta, resistências e coexistências forjadas nesse ecossistema.

Este artigo objetiva entender a dinâmica perceptiva dos moradores que residem na linha de costa erosiva, especialmente da praia de Atafona, mensurando as angústias e



as resistências que são atravessadas por questões históricas, culturais, econômicas e políticas, forjando mosaicos de sentimentos pessoais e coletivos, com distintas percepções acerca da relação pessoa-ambiente.

Para o levantamento das informações que subsidiaram esta pesquisa, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, intercaladas com observações retiradas de campo. Para que fosse possível uma abordagem qualitativa do objeto estudado, a etapa do conhecimento e envolvimento com o lugar pesquisado foi decisiva para uma discussão crítica das vulnerabilidades ambientais existentes na região.

Foram aplicadas metodologias de pesquisa através do levantamento de informações em bibliotecas e arquivos locais, como jornais, revistas, vídeo documentário, visitas de campo exploratórias, relatos de vida, conversas de rua e bares, observações e entrevistas semiestruturadas, a fim de analisar a dinâmica relacional entre a pessoa e o ambiente. Em seguida, buscou-se entender como os interlocutores da pesquisa qualitativa percebem as transformações do ambiente e os conflitos que se estabelecem ao redor.

Como se constrói a percepção ambiental de moradores na “linha de frente” erosiva em Atafona? Quais são as principais preocupações e ações adotadas diante do fenômeno da erosão? Considera-se o debate das questões acima importante para contribuir no modo como as políticas sociais podem atuar na prevenção de riscos e na promoção de respostas às famílias atingidas.

1 Atafona: moinho de sentimentos e vínculos com o lugar

Denominada por seus moradores como Pontal de Atafona, a região escolhida para ser estudada revela grupos de natureza bastante distintas na sua constituição. Estes se dividem entre os moradores (boa parte de pescadores artesanais, comerciantes) e veranistas.

A pesca artesanal predomina no local há gerações. Os moradores pescadores (as) caracterizam-se pela atividade pesqueira propriamente dita, ou seja, adentrando em alto mar a bordo dos barcos, enquanto boa parte das mulheres envolvidas nas atividades da pesca trabalham em terra firme, atuando no beneficiamento do pescado, na limpeza dos peixes, descascando camarões, na produção de redes e fábricas de gelo. Observa-se, entre os pescadores, o envolvimento de vários membros da família na atividade pesqueira.



Outro fator importante caracteriza-se pela localização das casas dos pescadores artesanais. Atualmente, também em Atafona, um número considerado desses pescadores reside na localidade conhecida como “Baixada”, no verdadeiro limite entre as casas e as oscilações do mar. Convivem de frente com os riscos provocados pela erosão marinha que afeta a região. A “Baixada” fica localizada no extremo pontal da praia de Atafona.

É importante destacar que muitos desses moradores eram antigos habitantes da ilha da convivência, considerada uma das primeiras áreas afetadas pelo processo erosivo, que foi potencializado em meados da década de 1970. Um dos primeiros grandes deslocamentos ocorreu nessa época. Uma parte dos moradores foi reassentada em moradias na mesma região de Atafona, conhecido como Conjunto Habitacional Nossa Senhora dos Navegantes, construídos pela Companhia Estadual de Habitação do Estado do Rio de Janeiro - CEHAB.

Entre os moradores da praia de Atafona, especialmente os da “Baixada”, estão os pescadores artesanais, as marisqueiras, os arrumadores de redes, trabalhadores da cadeia produtiva da pesca e pequenos comerciantes. Com as ressacas do mar, a localidade da “Baixada” sofre com as constantes inundações quando as águas do mar/rio invadem as ruas e as casas da região.

Durante as visitas realizadas em dias de chuva, observou-se que muitos móveis e eletrodomésticos são suspensos com tijolos e madeiras. Outra realidade vista foi a constante abertura de valas para escoar a água que se acumula entre ruas e casas.

O segundo grupo atingido pela destruição provocada pelo avanço do mar é composto de veranistas. Visivelmente em uma condição social extremamente distinta da do primeiro grupo, estes não habitam o local por períodos contínuos, uma vez que provêm, principalmente, da cidade de Campos dos Goytacazes.

Este grupo apresenta um poder aquisitivo maior em relação ao dos moradores do pontal de Atafona, especialmente considerando a diferença no padrão habitacional entre os dois grupos. Além disso, diferem na relação dos vínculos com o lugar.

2 Meio (?) ambiente: disputas de apropriação e preservação dos recursos



Em relação aos seus primeiros moradores, de acordo com os estudos de João Oscar (1972), a região de Atafona foi inicialmente habitada por indígenas Goitacá e por hordas nômades dos Puris. Alguns anos antes, Alberto R. Lamego, em seu belo trabalho *O Homem e a Restinga*, destacou que, nos tempos do descobrimento, a costa fluminense era habitada por duas temíveis nações guerreiras: os Goitacá e os Tamoio. Entre as enseadas de Angra dos Reis e Cabo Frio ficavam os tamoios, sendo as planícies de restingas ocupadas pelos goitacá (Lamego, 1974).

No entanto, parece visível que a compreensão de ambiente tenha mudado bastante desde a ocupação de seus primeiros moradores. Ao relatar os primeiros habitantes dessa região — que somente mais tarde se chamaria Atafona —, João Noronha (2007) retrata que viviam nestas terras aproximadamente 12 mil índios Goitacá, donos absolutos dessas terras no tempo da Capitania de São Thomé. Até então, esse habitat pertencia aos Goitacá que ocupavam as áreas dos brejos. Alimentavam-se, principalmente, da pesca rudimentar e da caça de pequenos animais, sendo conhecidos também por comerem os prisioneiros (colonos) que faziam em suas guerras; gostavam de dançar em ocasiões festivas; e eram conhecidos como exímios corredores ou nadadores (Noronha, 2007).

Consta que, para vencer a ferocidade dos goitacá, não foram suficientes a pólvora e a bala. Relata Noronha (2007) que invasores portugueses — liderados pelo capitão-mor Estevão Gomes, homem rico e senhor de dois engenhos no Rio de Janeiro, escolhido pelo governador Gaspar de Sousa para iniciar a povoação e garantir o carregamento de pau-brasil — serviram-se de veneno no caldo de cana e de roupas contaminadas com bexiga. Porém, de acordo com Lamego (1944), contrariando as investidas dos colonizadores em obter dos índios a exploração da sua força de trabalho escravo, muitos grupos foram perseguidos e completamente extintos, com alguns poucos buscando refúgio nas grandes selvas capixabas.

A história de ocupação da região — que começa pela saga dos seus primeiros habitantes, os índios Goytacá — é pouco conhecida. Fato é que boa parte da literatura existente começa a contar essa história a partir da chegada dos homens brancos, piratas e colonizadores do “descobrimento” no século XVI (Martins, 2019; Lamego, 1974; Oscar, 1972). Sendo assim, a dinâmica do modo de vida dos seus primeiros habitantes — os Goytacá — é por vezes narrada superficialmente, destacando apenas como estes eram irredutíveis e inconciliáveis com os conquistadores.



Por motivos econômicos, políticos e demográficos, essa região fazia parte dos interesses governamentais traçados pelos colonizadores (Oscar, 1972). No que tange à chegada dos colonizadores europeus na região, narrativas históricas apontam essa apropriação territorial, cultural e simbólica, que transformaria definitivamente a relação dos seres humanos com este ambiente e com os demais ecossistemas (Soffiati, 2020).

O historiador e ambientalista Artur Soffiati (2020) debate, de forma crítica, a formação das civilizações e os impasses hoje vivenciados, apontando o caráter desmatador, poluidor e caçador do ser humano. “Há 15 mil anos, os cursos de água doce que chegavam aos oceanos tinham suas bacias cobertas de vegetação nativa. Portanto, a erosão e o assoreamento eram muito reduzidos. Quando o modo de produção capitalista chegou ao Brasil com os portugueses, tudo começou a mudar” (Soffiati, 2020, s.p). O autor destaca ainda que, de certa forma, nunca houve um período em que a humanidade tivesse se relacionado de forma equilibrada com a natureza.

Ao retratar a humanidade e as florestas, Soffiati aponta que cada cultura construiu a sua visão sobre as florestas, incluindo o desmatamento praticado em várias sociedades, com seus modos de produção distintos. No entanto, o autor destaca ainda que é na fase capitalista da concessão ocidental que as matas foram transformadas em fonte de lucro.

Resumidamente, de lá para cá, o desenvolvimento da região vem sendo marcado pela oscilação dos ciclos econômicos, além das cobranças em torno das atividades portuárias, que recebia grande fluxo do comércio de exploração de escravos, marcando o caminho de exploração e exportação do ouro, couro, tabaco e cachaça (Martins, 2019). O rio Paraíba do Sul teve grande importância e protagonismo. Nos períodos de grande navegabilidade, o rio serviu muito bem aos interesses dos colonizadores. A construção do porto de São João da Barra desempenhou um papel de ponto estratégico para escoar as produções oriundas dos canaviais de Campos e das safras de café de São Fidelis e Cantagalo (Pitrez, 2014).

Essa relação sociogeográfica impulsionou o desenvolvimento e povoamento da região, contribuindo para o surgimento de várias empresas como a Usina de Barcelos, duas companhias de navegação e estaleiros (Aquino, 1997). Após visitas do Imperador Dom Pedro II à cidade, João Oscar (1972) destaca que Dom Pedro II elevou São João da Barra à categoria de cidade em 17 de junho de 1850. No entanto, logo em 1888, a ascensão socioeconômica em torno das atividades portuárias ficaria abalada com a chegada das



estradas de ferro Campos-Macaé e Macaé-Niterói, reduzindo drasticamente o traslado marítimo e as trocas comerciais na região (Aquino, 1997).

As condições de navegação naquela época já se apresentavam desfavoráveis na foz do delta do rio Paraíba do Sul que constantemente formava bancos de areia, impedindo a circulação de navios maiores (Lamego, 1944, Pitrez, 2014).

De certa forma, com o desenvolvimento desse projeto de civilização ocidental, abriram-se as portas para a venda tanto de seres humanos e suas identidades quanto a venda de rios, oceanos, florestas e, por consequência, todo o ecossistema. Neste sentido, essa visão estreita e excludente de humanidade apresenta as tendências destrutivas da chamada civilização, com base na devastação ambiental e no consumismo desenfreado (Krenak, 2020).

Apesar de todos os “avanços” rumo ao desenvolvimento ao longo dos séculos, a transformação nesta relação evidenciou uma crise que impôs a necessidade de produção de novos saberes frente às mudanças provocadas na relação pessoa-ambiente.

A reflexão sobre a questão ambiental vem se tornando um tema cada vez mais presente e necessário em todo o planeta. Os desafios voltados ao debate desse assunto envolvem os mais diversos campos do saber, como a história, antropologia, sociologia, psicologia, geografia, entre outras correntes que debatem as relações pessoas-ambiente.

3 Mosaicos de resistência

Cada pessoa estabelece uma relação com o ambiente onde vive. De modo perceptível ou não, desenvolve laços afetivos, um tipo de apego ao lugar. No caso específico do lugar, penso que, necessariamente, envolve todo o ambiente onde moramos e construímos nossos laços de sociabilidade. As pesquisas sobre a noção desse apego ao lugar têm sido um tema indispensável no campo da psicologia ambiental.

Na literatura, existe um arcabouço teórico multidisciplinar importante sobre o apego à relação pessoa-ambiente (Tuan, 1974; Augé, 2007). Considerado como uma necessidade humana fundamental (Relph, 1976), o apego a um lugar pode ser entendido como o laço afetivo — sentimentos, emoções, disposição de ânimo etc. — entre um indivíduo e um lugar, acompanhado do desejo de estar próximo a esse local (Giuliani, 2004).



Psicólogos, sociólogos e geógrafos humanistas de orientação fenomenológica expressam seu interesse pelos aspectos afetivos da relação pessoa-ambiente. Vale ressaltar que considera-se a importância desse apego ao entendimento vivenciado das populações diretamente atingidas pelas mudanças no seu ambiente, onde cada um estabelece sentimentos únicos ao levar em conta a interpretação dos lugares e o sentido que estes lhes dão (Tuan, 1983).

Durante a realização da pesquisa na área de risco definida pela Defesa Civil em Atafona, apesar dos grupos apresentados conviverem lado a lado com o mesmo problema da erosão, percebem-se, na experiência, algumas diferenças nos vínculos entre os grupos pesquisados.

Apesar de todas as dificuldades relacionadas ao assoreamento do rio Paraíba do Sul, que afetam a dinâmica de vida dos moradores pescadores, observa-se que a proximidade entre a sua casa e o barco, é fundamental no cotidiano desses moradores e trabalhadores que desde muitos anos contribuem na economia local e desenvolvimento da região. Além disso, apesar dos dilemas vividos em alto-mar, pescadores destacam os benefícios da liberdade da função desempenhada na pesca e o contato diário com os elementos da natureza, como a lua, a força das marés, os ventos etc. Este fluxo contínuo de experiências na relação pessoa-ambiente, reforça que a percepção é parte integrante das atitudes que se estabelecem por meio do contato com o mundo (Tuan, 1980).

No caso dos veranistas, outros vínculos demarcam este cotidiano, como no caso dos aspectos simbólicos e de memória ligados a sociabilidades das casas de vilegiatura (CUNHA, 2007). De frente para a praia de Atafona, destacam-se os casarões e as residências sofisticadas de veranistas. Ainda de acordo com Cunha (2007), grande parte dos veranistas pertencem ao que, nas colunas sociais de Campos, em meados do século XX, chamava-se de “sociedade” campista. Imponentes construções, com pé direito alto, alguns serviram de residência, pousadas e estabelecimentos como clubes, hotéis e cassino. As construções contrastam com as moradias dos moradores vizinhos da “Baixada”.

No final da década de 1960 e início de 1970, as casas de veraneio da “alta” sociedade aumentaram consideravelmente, onde a presença dos veranistas era marcada pelas distintas formas de sociabilidade e vilegiatura, oriundas, sobretudo, de Campos e de outras cidades vizinhas.



De acordo com Renam Gomes (2012), Atafona era destino de turistas vindos de diferentes regiões do estado do Rio e de Minas Gerais, e também área destinada à construção de residências secundárias para veraneio associadas, sobretudo, à influência da cidade de Campos. O autor destaca que, nas primeiras décadas do século XX, notou-se um “surto” de construções — ocorrido por volta de 1926 — que aponta, de forma clara, o início do uso do Balneário de Atafona como local de veraneio. A partir da década de 1940, Atafona começou a viver seu auge com a construção do Hotel Cassino e, mais tarde, com a de clubes e de algumas suntuosas residências para os veranistas (Gomes, 2012).

Do ponto de vista de quem a visita, Atafona é percebida como um lugar de “clima privilegiado” e de propriedades terapêuticas, algumas associadas às areias monazíticas e à alta concentração de iodo. Segundo Cunha (2007, p. 80), “as práticas sociais cotidianas desenvolvidas por essas famílias no balneário compõem um repertório variado de formas de convivência ou formas de “estar junto” buscando atividades recreativas que se destinam a passar o tempo, à distração, enfim, ao entretenimento”.

Nesse sentido, em relação aos moradores da “Baixada, os veranistas apresentam vínculos distintos e diferenças simbólicas no modo de frequentar e habitar o balneário de Atafona. Apesar da proximidade entre os moradores da “Baixada” e os vizinhos veranistas da praia de Atafona, observam-se estratégias diferentes para o enfrentamento dos problemas ambientais provocados na região.

Para uma compreensão do objeto estudado, foi indispensável entender como os moradores pesquisados expressam sua visão de mundo, centrando-se especialmente na análise do significado e relevância da experiência humana, buscando captar a essência das experiências vivenciadas no campo de pesquisa.

4 Mobilização social: entre ruínas e dunas

Entre o conjunto de mudanças ambientais identificadas por meio de pesquisa e levantamento de informações em livros, teses, monografias e demais publicações de jornais locais retratando o fenômeno, as matérias em geral desvelam os problemas decorrentes da erosão costeira, considerando o avanço do mar e das dunas sobre as ruas, residências e comércios. No entanto, uma leitura crítica permite observar que a ocupação desse ecossistema ocorreu de forma desorganizada, assim como ocorreu com o



crescimento exageradamente desorganizado das cidades (Soffiati, 2014), acumulando uma série de problemas ambientais.

É importante considerar que, além do fenômeno da erosão e do avanço das dunas, os ciclos econômicos citados e as atividades industriais ligadas ao rio Paraíba do Sul — ademais de outras grandes intervenções realizadas como a transposição do rio Paraíba, construção de barragens, reservatórios, estruturas de geração de energia, túneis e canais — expõem uma cicatriz gerada nessa relação pessoa-ambiente. Para agravar esse desequilíbrio, soma-se a questão dos efeitos das mudanças climáticas em todo o planeta.

Neste sentido, é indispensável uma reflexão sobre a percepção ambiental quanto aos resultados da soma dessas intervenções ao longo do tempo, em especial sobre as populações mais vulneráveis que convivem no limite radical com as forças da natureza — como a erosão costeira e os riscos de alagamentos e inundações associados, em Atafona e região.

De um lado, a aparente destruição de casas e patrimônios públicos esboça apenas as primeiras impressões de um mosaico de convivências, de lembranças, de formas de sociabilidades e memórias de tempos felizes vividos no lugar. De outro, despontam, nesse contexto, outros conflitos de dimensão simbólica e subjetiva, provocados não somente pela ação da natureza, como também pela ação humana, exigindo investigações em relação aos problemas que terminam por intensificar os riscos, expondo os moradores da região a uma gama de vulnerabilidades ambientais.

Dessa forma, a construção da percepção do ambiente (externo) deve ser vista como parte do nosso ambiente (interno), sendo preciso considerar a nossa capacidade de mudança de percepção, tão importante para superar a ideia de manipulação da natureza que produz desequilíbrios ambientais.

Observou-se, além disso, um conjunto de ações preventivas com base em arranjos pessoais — como a observação diária da maré, verificando a proximidade com as casas durante a noite — e em modos de resistência dos moradores afetados, que buscam, a seu modo, preservar uma pequena parte da área de vegetação ao redor de suas casas, importante para a preservação da restinga e manutenção da areia da praia. Outros contratam caminhões carregados de pedras para despejá-las em frente à casa numa tentativa desesperada de enfrentar as forças do mar.



Diante desse fato, é preciso integrar os esforços para encarar os impactos psicossociais e promover o entendimento dos processos vividos. De acordo com Norma Valêncio et al. (2011), é preciso considerar os saberes produzidos nesta relação com o ambiente, tendo em vista o conjunto de limitações e dificuldades entre os órgãos públicos, responsáveis por dar respostas aos afetados. Escutar a voz dos envolvidos no contexto do estudo permite não apenas uma análise crítica dos limites das políticas sociais voltadas a atender a população, mas também uma demanda para cada vez mais aprofundar a discussão político-socioespacial acerca da produção de conhecimento neste campo do saber (Valêncio et al., 2011).

Em relação às mudanças ambientais que ameaçam a localidade de Atafona — forçados ao deslocamento — considera-se que os afetados produzem modos de resistências por meio da própria história de vida, permitindo refletir a percepção ambiental e os mecanismos de enfrentamento e resposta às demandas mais emergentes neste contexto. Visto assim, a organização perceptual inserida no âmbito das experiências vividas e na realidade local das pessoas favorece uma análise das dimensões psicossociais voltadas à adaptação e à superação face às mudanças ambientais, desvelando como estes interferem na relação pessoa-ambiente.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, H. (org.). (2004). **Conflito social e meio ambiente no Rio de Janeiro**. 2004. Rio de Janeiro: Relume. Dumará: FASE. p. 7-18.
- ALVALÁ, R.; BARBIERI, A. (2017). Desastres Naturais. In: noble, C, A.; Marengo, J, A. (org.). **Mudanças climáticas em rede: um olhar interdisciplinar**. 2017. São José dos Campos, SP: INCT. 608 p.
- AQUINO, C. (1997). **Minhas Histórias de São João da Barra**. 1997. São João da Barra – RJ: Cultura Goitacá Editora.
- AUGÉ, M. (2007). **Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade**. 2007. Campinas: Papirus.
- ARGENTO, M.; COSTA, d. (2005). Os impactos sócio - ambientais da praia de atafona – litoral norte fluminense. In.: **encontro de geógrafos da américa latina**. 10. Anais... Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BALBI, A. (2012). **São João da Barra do porto ao pontal**. Rio de Janeiro: Sol Gráfica.



CUNHA, J. B. (2007). **Atafona**: formas de sociabilidade em um balneário na região Norte-Fluminense. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal Fluminense.

GIULIANI, M. V. (2004). O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente. In: Tassara, e. T.; Rabinovich, e. P.; Guedes, m. C. **Psicologia e ambiente**. São Paulo: Educ, 2004. p. 89-106.

GOMES, R. S. (2012). **A ilha, o mar, e a “cidade debaixo d’água”**: paisagens e mudanças ambientais em Atafona. 2012. Rio de Janeiro. 113 p.

GOMES, R. S. (2018). **Atafonias**: sentidos da paisagem em uma comunidade de pescadores do Norte Fluminense. Tese (Doutorado em Geografia). Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2020). IBGE Cidades. Consultado em julho de 2020. Rio de Janeiro: IBGE, <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/sao-joao-da-barra>.

KRENAK, A. **A vida não é útil.** (2020). Ailton Krenak; pesquisa e organização Rita Carelli. — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KUHNEN, A.; Higuchi, M. I. G. (2011). Percepção ambiental. In: Cavalcante, S.; ELALI, G. (Org.). **Temas básicos em psicologia ambiental**. 2011. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p. 250-266.

LAMEGO, A. R. **O Homem e a Restinga.** (1944). Rio de Janeiro: Editora Lidor.

LAMEGO, A. R. **O Homem e a Restinga.** (1974). Rio de Janeiro: Editora Lidor.

LAMEGO, A. R. **O Homem e o Brejo.** (1974). Rio de Janeiro: Editora Lidor.

MARANDOLA Jr.; Hogan, D. J. (2009) **Vulnerabilidade do lugar vs. vulnerabilidade sociodemográfica.** Rio de Janeiro: R. bras. Est. Pop v. 26, n. 2, 2009. p. 161-181.

Marin, A. A. (2008). **Pesquisa em educação ambiental e percepção Ambiental.** Pesquisa em Educação Ambiental- online, vol. 3, n. 1, 2008. p. 203-222.

MARIN, A. A.; LIMA, A. P. (2009). **Individuação, percepção, ambiente:** Merleau-Ponty e Gilbert Simondon. Educação em Revista 25(3). 2009. (Doi: 10.1590/S0102-46982009000300013.)

MARTINS, F. J. (2019). **História do descobrimento e povoação da cidade de S. João da Barra e dos Campos dos Goytacazes antiga Capitania da Parahyba do Sul e da causa e origem do levante denominado - dos Fidalgos - acontecido no meado do século passado. Dividida em tres partes/ Fernando José Martins.** — Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia.



MERLEAU-PONTY, M. (1999). **Fenomenologia da percepção**. 1999. São Paulo: Martins Fontes.

MUEHE, D.; LIMA, C.F.; LINS DE BARROS, F.M. (2006). In: MUEHE, D. (org.). **Erosão e progradação do litoral brasileiro**. 2006. Brasília, DF, Brasil: Ministério do Meio Ambiente. MMA e Programa de Geologia e Geofísica Marinha (PGGM), 2006. p. 265-296. ISBN: 8577380289.

Noronha, J. **Atafona: sua história, sua gente**. (2007). Campos dos Goytacazes: Academia CAMPISTA de Letras.

NORONHA, J. **Uma Dama Chamada Atafona**. (2003). Campos dos Goytacazes: Cultura Goitacá.

OSCAR, J. (1977). **Apontamentos para a História de São João da Barra**. 1977. Teresópolis, RJ: Mini Gráfica.

OSCAR, J. (1972) **Introdução à História Literária de São João da Barra**. 1972. Teresópolis: Mini Gráfica.

PINHEIRO, J Q. (1997). **Psicologia Ambiental: a busca de um ambiente melhor**. Natal: Estud. Psicol. - Online, vol.2, n.2, 1997. p. 377-398. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X1997000200011>.

PINHEIRO, J. Q. (2003). **Psicologia ambiental brasileira no início do século XXI: sustentável?** In: Construindo a Psicologia Brasileira: desafios da ciência e prática psicológica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p. 279-313.

PITREZ, M. C. (2014). **"Calmaria" e "Alvorço" no encontro das águas: ritmo e pertencimento entre pescadores e veranistas na praia de Atafona, R.J.** 2014. Brasil: FAPERJ, 2014.

RELPH, E. C. (1979). **As bases fenomenológicas da Geografia**. 1979. Rio Claro: Geografia, v.4. n.7, p. 1-25.

Ribeiro, A, C. (2014). **Projeto de Extensão da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF**. Coordenação Alcimar das Chagas Ribeiro Professor do Laboratório de Engenharia de Produção. 2014.

RIBEIRO, G. P. (org) **Mapeamento digital da área urbana na frente erosiva em Atafona e progradacional em Grussaí, São João da Barra (RJ): impactos urbanos e ambientais**. III Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia- SEGeT. Disponível www.aedb.br/seget/arquivos/artigos06/413_ModeloSeget_Gilberto.pdf. Acessado em 2018.

RIBEIRO, G. P. et al. (2004). **Análise Espaço-Temporal no Suporte à Avaliação do Processo de Erosão Costeira em Atafona, São João da Barra (RJ)**. 2004. Presidente Prudente- SP. Revista Brasileira de Cartografia, v. 1, n.56, 2004. p. 129-138.



RIBEIRO, G. P.; Rosas, R. O. (2006). **Mapeamento digital de Erosão em Atafona e Progradação em Grussaí, São João da Barra (RJ)**. 2006. Geodésia Online , v. 2, 2006. p. 1-2.

SOFFIATI, A, A. (2014). **História da Lagoa Feia através da cartografia**. Anais do IV Seminário Regional sobre Gestão de Recursos Hídricos, v. 1.

SOFFIATI, A, A. (1996). **Águas de Baixada: angústia social**. Anais do X Encontro Nacional de Estudos Populacionais - Associação Brasileira de Estudos Populacionais. 1996. Caxambú, outubro de 1996.

SOFFIATI, A, A. (1996). **O nativo e o exótico: perspectivas para a história ambiental na ecorregião Norte-Noroeste fluminense entre os séculos XVII e XX**. Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ.

SOFFIATI, A, A. (2020). Breve história da globalização ocidental e seus custos ambientais. **Ambientes. Revista de Geografia e Ecologia Política**, 2020. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/ambientes/article/view/24225>.

SOFFIATI, A, A. (2018). **Chuvas e cheias na região, há 10 anos e agora**. Campos dos Goytacazes: Opiniões, p.1.

SOFFIATI, A, A. (2018). **O manguezal do rio Paraíba do Sul em Atafona**. 2017. Campos dos Goytacazes: Outras Palavras. Folha Blogs. 2017. p. 1. Atualizado jan. 2017. Acesso em 26 fev.2018.

SOUZA, D, B; Martinez, S. (2009). **Educação comparada: Rotas do além mar**. 2009. São Paulo: Xamã.

TUAN, Y-Fu. (1983). **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel.

TUAN, Y-Fu. (1974). **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: IFEL, 288 p.

VALENCIO, N.; Siena, M.; Marchezini, V. (2011). **Abandonados nos desastres: uma análise sociológica de dimensões objetivas e simbólicas de afetação de grupos sociais desabrigados e desalojados**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia.